

BÁSICOS

Aldeias indígenas lucram com orgânicos

Luciana Franco
de São Paulo

O crescimento da agricultura orgânica no Brasil, a taxas de 50% ao ano, contribui para a formação de uma cadeia produtiva muito diversificada, da qual fazem parte hoje três aldeias indígenas. Localizadas nos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Acre os povoados indígenas começam a colher lucros com a produção e comercialização de mel, manga e urucum, produtos certificados como orgânicos pelo Instituto Biodinâmico (IBD).

A tribo Yanawana, do Acre, por exemplo, montou em 1993 a Organização dos Agricultores Extrativistas Yanawana do Rio Gregório, que começou a colher os primeiros frutos comerciais em 1999.

Produtos naturais

A aldeia — localizada às margens do rio Gregório, próxima de Tarauacá (AC) — produz sementes secas de urucum que são vendidas para a multinacional de cosméticos Aveda, uma das pioneiras na fabricação de produtos naturais e ecologicamente corretos. “Nosso desafio é adequar a produção industrial a partir do urucum fornecido pelos índios”, diz May Waddington, antropóloga e coordenadora dos projetos da Aveda no Brasil.

Segundo ela, as sementes de urucum são processadas pela Formil Flora Brasil, que fabrica os cosméticos — batom, condicionador de cabelo, shampoo — da Aveda no País. A empresa já solicitou certificação no IBD e encontra-se em fase de conversão.

Os índios Yanawana produziram na última safra 3 toneladas de urucum, que geraram receita de US\$ 81 mil. Além disso, a aldeia está ampliando a produção de andiroba, que já soma 3,5 toneladas.

“A andiroba está em processo de certificação”, diz a antropóloga. A Aveda aplicou, em média, US\$ 25 mil por ano nos dois primeiros ciclos da safra comercial da aldeia. Os recursos foram destinados ao plantio, aquisição de máquinas, construção do posto de saúde, entre outras atividades. A Aveda paga US\$ 2,7 por quilo de urucum e US\$ 5 por

Produção orgânica

Mato Grosso (mil índios)
Produção de mel,
comercializado no
mercado interno

Mato Grosso do Sul
(21 mil índios)
Produção de manga*,
processada e exportada
para Alemanha

Acre (600 índios)
Produção de urucum e
andiroba**, comercializados
para a indústria de cosméticos
norte-americana Aveda

Fonte: Mercado * projeto em fase inicial
** em processo de certificação no IBD

quilo de andiroba produzido pelos 600 yanawanas.

No Mato Grosso, quatro diferentes etnias indígenas produziram 1,3 tonelada de mel na safra passada, cuja colheita se encerrou em junho. Metade deste volume está sendo comercializado no mercado varejista de São Paulo ao custo de R\$ 14 o quilo.

“O restante é comercializado na região”, diz Ianukula Kaiabi Suia, coordenador do projeto

de mel da Associação Terra Indígena Xingu. As quatro etnias somam 23 aldeias indígenas e cerca de mil pessoas, que produziram na primeira safra (em 2001) 900 quilos de mel. “Nossos planos são de ampliar o projeto, estendendo-o ao artesanato”, diz o coordenador, que busca compradores para produção local utilizando a internet como instrumento de marketing. O

próximo passo, entretanto, é a fabricação de própolis e geleia real.

Outros 21 mil índios estão contemplados no projeto em fase de implantação no Mato Grosso Sul pela empresa Bio da Terra, em parceria com o governo do estado.

Grande potencial

“Verificamos as plantações nativas de mangas nas aldeias e detectamos um enorme potencial de produção”, diz Sergio Rebelo Ribeiro, diretor da Bio da Terra, empresa que cultiva bananas orgânicas em Santa Catarina há dez anos. Entre os 21 mil índios, algumas aldeias já foram certificadas pelo IBD. Outras encontram-se em fase de conversão. “Estimamos um potencial de 4 mil toneladas de manga por ano”, diz Rebelo.

A primeira colheita comercial, em 2001, rendeu uma produção de 200 toneladas. As frutas foram processadas e transformadas em bala, geléia, polpa e suco e exportadas para a Alemanha. A manga é uma fruta de enorme valor. “Detectamos um grande interesse de compra por parte da Holanda.” Para ele, o excelente desempenho da agricultura orgânica, que já movimentou R\$ 250 milhões por ano no Brasil, abre espaço para o potencial agrícola existente nas aldeias indígenas.

INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL

Documentação

Fonte: G.M. (Agribusiness)

Data: 18-20/10/2002 Pg. 23

Class. 23